

A POÉTICA DO VÍNCULO E A PEDAGOGIA DO SONHO EM *PATAS ARRIBA: LA ESCUELA DEL MUNDO AL REVÉS*, DE EDUARDO GALEANO

The Poetics of Connection and the Pedagogy of Dreaming in *Patas arriba: la escuela del mundo al revés*, by Eduardo Galeano

Tânia Mara Rupp Bourbon Nava¹

Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

Este trabalho se propõe a realizar uma análise de *Patas arriba: la escuela del mundo al revés*, texto muito pouco mencionado e especulado no âmbito da pesquisa acadêmica, à luz das perspectivas decoloniais latinoamericanas (DUSSEL, 2016; QUIJANO, 1995; 2005; MIGNOLO, 2010; WALSH, 2009; MOTA NETO, 2016) e do arcabouço teórico das chamadas epistemologias do Sul (SANTOS, 2022; CHAVES, 2021). Ao analisar o *corpus*, propomos uma chave de leitura da obra que identifica uma linguagem que resgata e reafirma elos sobrepujados pela dissensora episteme eurocentrada — a qual nomeamos aqui de poética do vínculo — e apresenta uma proposta pedagógica que convida à arte mais decolonial e insubmissa de todas: a arte de sonhar com o alternativo.

Palavras-chave: Eduardo Galeano; pedagogia do sonho; literatura do encontro

ABSTRACT

This article refers to an analysis of *Patas arriba: la escuela del mundo al revés*, a text which is rarely mentioned and speculated in the context of academic research, using as basis the Latin American decolonial perspectives (DUSSEL, 2016; QUIJANO, 1995; 2005; MIGNOLO, 2010; WALSH, 2009; MOTA NETO, 2016) and the theoretical framework of the epistemologies of the South (SANTOS, 2022; CHAVES, 2021). While analyzing the corpus, we seek to propose an interpretation that identifies a language which rescues and reaffirms links and encounters overcome by the eurocentric dissenting episteme and presents a pedagogical proposal which invites us for the most decolonial and unsubmitive art of all: the art of dreaming with an alternative world.

Keywords: Eduardo Galeano; dream pedagogy; linking literature

1 INTRODUÇÃO

¹ Licencianda em Letras/Português na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Acender consciências, revelar a realidade: pode a literatura reivindicar melhor função nestes tempos e nestas terras nossas? A cultura do sistema, cultura dos sucedâneos da vida, mascara a realidade e anestesia a consciência. Mas, o que pode um escritor, por mais que brilhe seu foguinho, contra a engrenagem ideológica da mentira e do conformismo? Se a sociedade tende a organizar-se de tal modo que ninguém se encontre com ninguém, e a reduzir as relações humanas ao jogo sinistro da competição e do consumo — homens solitários usando-se entre si e esmagando-se uns aos outros —, **que papel pode cumprir uma literatura do vínculo fraternal e da participação solidária?** (GALEANO, 1990, p. 7 — grifos nossos).

À guisa de introdução, destacamos esse trecho de *A descoberta da América (que ainda não houve)* como uma forma de apresentar as inquietações e o pensamento deste que foi um grande enunciador da crítica decolonial: o jornalista e literato uruguaio Eduardo Hughes Galeano, autor de mais de quarenta obras² com grande repercussão.

Tais colocações, segundo nossa leitura, desvelam as intenções por trás de *Patatas arriba: la escuela del mundo al revés*, obra sobre a qual o presente trabalho se debruça. Nela, as fronteiras criadas para separar ficção e história e para diferenciar gêneros literários são tensionadas ao ponto de ser quase impossível categorizar o texto de algum modo (SILVA, 2022), o que impõe-se na contramão da tendência epistemológica eurocentrada — que intenta retesar a classificação de todas as produções culturais.

Para desestabilizar a epistemologia hegemônica e convidar o leitor a "se reconhecer nos outros e a reconhecer a grandeza escondida nas pequenas coisas, o que implica denunciar a falsa grandeza das coisas grandes, em um mundo que confunde grandeza com grandiosidade" (GALEANO, 2009), o autor, por meio inclusive da estrutura textual fragmentada e não categorizável, desarmoniza a dicção colonial arraigada às subjetividades daqueles que são historicamente subalternizados e, através de uma poética do vínculo — que dissolve fronteiras tipológicas e une saberes invisibilizados, experiências inusitadas e olhares muito particulares — convida o leitor a *acender sua consciência* ao revelar a realidade de um mundo de pernas para o ar.

Longe de qualquer tipo de pessimismo, o texto, em uma análise nossa, subverte sua própria proposta e — através da apresentação de uma escola cujo

²*Las venas abiertas de América Latina* (1971), *El libro de los abrazos* (1989), *Días y noches de amor y de guerra* (1978), *La canción de nosotros* (1975), *Vagamundo* (1973), entre outros.

programa de estudos baseia-se em injustiça, destruição, racismo, machismo, medo, meritocracia, impunidade, consumismo e solidão — engaja a constituição de uma contraescola, na qual é possível pensar e sonhar um mundo apropriado. Solidário, Galeano traz uma contundente voz lírica que informa sobre uma realidade que "[...] nos adentra para ver o próximo como uma ameaça e não como uma promessa, nos reduz à solidão e nos consola com drogas químicas e amigos cibernéticos" (Id., 2009, p. 15).

Além disso, com muito humor e muita ironia, conduz-nos à percepção de pontos de vista inusitados, os quais evidenciam como o olhar de um grupo em condição subalternizante versa de forma distorcida sobre a situação de um grupo em situação de sujeição:

Pontos de vista/2

Do ponto de vista do sul, o verão do norte é inverno.

Do ponto de vista de uma minhoca, um prato de espaguete é uma orgia.

Onde os hindus veem uma vaca sagrada, outros veem um grande hambúrguer.

Do ponto de vista de Hipócrates, Galeno, Maimônides e Paracelso, havia uma enfermidade no mundo chamada indigestão, mas não havia uma enfermidade chamada fome.

Do ponto de vista de seus vizinhos no povoado de Cardona, o Toto Zaugg, que andava com a mesma roupa no verão e no inverno, era um homem admirável:

– O Toto nunca tem frio – diziam.

Ele não dizia nada. Frio ele tinha, o que não tinha era agasalho. (Ibid., p. 36).

Através de uma voz poética potente, informativa e estruturalmente subversiva, a linguagem de *Patatas arriba* emerge operando uma desestabilização da epistemologia hegemônica à medida em que borra fronteiras genéricas, dirige-se ao leitor procurando estabelecer com ele algum tipo de conexão e figura formas críticas de pensar o mundo a partir de locais subalternizados diversos. Ao analisar o *corpus*, buscamos propor uma chave de leitura que: **a.** identifica uma linguagem, que denominamos aqui de poética do vínculo, a qual resgata e reafirma elos sobrepujados pela dissensora episteme eurocentrada e **b.** apresenta uma proposta pedagógica que convida à arte mais decolonial e insubmissa de todas: a arte de pensar e sonhar o alternativo. A relevância desse propósito refere-se à emergência de fortalecer o corpo dos diversos estudos que procuram identificar e evidenciar

propostas pedagógicas em processos de subjetivação insubmissos à ordem intelectual estabelecida após a vigência da modernidade colonial.

O lugar da literatura — neste caso, a "literatura nascida do processo de crise e de mudança e metida a fundo no risco e na aventura de seu tempo" (Id., 1990, p. 7) — dentro desse escopo permite resgatar signos deixados de lado, abrir o espaço para uma relação horizontal entre todos os saberes, desarmonizar a pretensa homogeneidade imposta no campo do conhecimento e alçar, dentro das subjetividades diversas, projetos alternativos ao da sociedade ocidental moderna.

2 O REVÉS

O "mundo ao avesso", sabe-se, é o mundo que constituiu-se após o estabelecimento da modernidade, a qual carrega em seu bojo um apelo violento a uma pretensa mobilização "civilizatória" em territórios fora do eixo do poder econômico, cultural e bélico mundial (DUSSEL, 2016). O sistema mundial moderno inaugurou, assim, a divisão do mundo em centro, semiperiferia e periferia e estabeleceu uma relação econômica predatória entre os países centrais e periféricos (CHAVES, 2021). Além de monopolizar as relações econômicas e "tornar certos grupos de pessoas e formas de vida social não-existentes, invisíveis, radicalmente inferiores ou radicalmente perigosos" (SANTOS, 2022, p. 50), o centro de poder do mundo também concentrou sob seu controle todas as formas da subjetividade, da cultura, do conhecimento e da produção científica (QUIJANO, 2005).

Assim, atuando ininterruptamente dentro do sistema capitalista alicerçada ao imperialismo (QUIJANO, 1992; 2002), a chamada "colonialidade do poder", que incide sobre o saber e o imaginário coletivos, promove uma constante "coerção sobre os modos de conhecer, produzir conhecimentos, símbolos e significados nativos" (CHAVES, 2021, p. 97) e opera a destruição das histórias e culturas autóctones, "que têm sido interpretadas como desprezíveis, insignificantes, sem importância e inúteis" (DUSSEL, 2016, p. 62), em detrimento da homogeneização de uma episteme eurocentrada.

Solapando muitas outras formas de pensar, socializar, relacionar-se com o meio e conceber o método científico, a modernidade colonial apresenta saberes e projetos locais como pretensamente globais através de metodologias que forjam neutralidade e imparcialidade para produções culturais que emergem esteadas

unicamente no centro do capitalismo do Ocidente (MIGNOLO, 2017). O lugar do marginalizado, do subalternizado, dentro desse contexto, é um lugar de mero almoxarifado para o centro: de lá se tiram materiais necessários para processar produtos outros. Não há espaço para a apreciação e verdadeira valorização das presenças múltiplas dentro dos férteis estuários de símbolos, culturas, saberes, cosmovisões e projetos de mundo nos espaços considerados periféricos.

Ao final da obra *Os Condenados da Terra*, Franz Fanon afirma que não devemos imitar a Europa, entretanto, sim, orientar nossos cérebros e corpos em uma nova direção para "inventar o homem total que a Europa foi incapaz de fazer triunfar" (FANON, 2005, p. 363). Assim, seguindo tal apontamento, enquanto ponto basilar para o desenvolvimento deste trabalho, destacamos a necessidade de transformar o mundo apenas depois de reinterpretá-lo na contramão da tendência epistêmica eurocentrada e a partir de um viés analítico que abarque as epistemologias historicamente invisibilizadas (SANTOS, 2022).

Nesse contexto, distanciamo-nos da lógica da modernidade capitalista ocidental e lançamos mão do pensamento decolonial para tecer esta análise. Ademais, munimo-nos também das epistemologias do Sul na senda de Boaventura de Sousa Santos, que são "a produção e a validação de conhecimentos baseados nas experiências de resistência de todos os grupos sociais que têm sido historicamente vítimas do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado" (Ibid., p. 17), para que estes possam "representar o mundo como seu e nos seus próprios termos" (Ibid., p. 17). O Sul aqui, vale frisar, não é geográfico; este refere-se ao grupo de países marginalizados e devastados espacial e socialmente pelos processos nefastos de dominação colonial.

No horizonte da pedagogia humanizadora, radical e libertadora proposta por Paulo Freire, a qual propõe um diálogo permanente com os povos oprimidos, entendemos que o sonho — abordado aqui, para além dos enredos oníricos individuais, enquanto fenômeno cultural (MINEIRO, 2021) — "não é idealismo, nem otimismo ingênuo, mas um processo de ruptura da opressão e uma exigência histórica daqueles que ousam lutar" (FREIRE, 2000, p. 99 *apud* NETO, 2016).

Sonhar, portanto, permite que movamo-nos em direção ao concreto. Nesse conjunto de condições, conforme aponta Walsh (2009), a decolonidade foge do campo puramente teórico e institui-se enquanto um projeto de ação a assumir e alicerçar a uma atitude pedagógica. Entender a obra aqui analisada enquanto fonte

de uma proposta pedagógica decolonial, dessarte, insere-se dentro de objetivos que partem de uma desestabilização da ordem epistemológica hegemônica e abrem caminhos para processos de subjetivação subversivos e ousados.

3 O ADESTRAMENTO

Em *Patas arriba: la escuela del mundo al revés*, uma escola é apresentada junto ao seu programa de estudos com uma mensagem aos pais dos alunos ingressantes:

Mensagem aos pais

Hoje em dia as pessoas já não respeitam nada. Antes, colocávamos num pedestal a virtude, a honra, a verdade e a lei... A corrupção campeia na vida americana de nossos dias. Onde não se obedece outra lei, a corrupção é a única lei. A corrupção está minando este país. A virtude, a honra e a lei se evaporaram de nossas vidas.

(Declarações de Al Capone ao jornalista Cornelius Vanderbilt Jr. Entrevista publicada na revista Liberty em 17 de outubro de 1931, **dias antes de Al Capone ir para a prisão**. (GALEANO, 2009, p. 8 — grifos nossos).

A mensagem — que é uma declaração do mafioso estadunidense Al Capone regada a moralismos — anuncia ao leitor o que o espera ao longo do livro: muita ironia. O programa de estudos, sobre o qual toda a obra se configura, é exposto com títulos de uma franqueza cortante e conta com as seguintes seções e subseções: **A escola do mundo ao avesso**: 1. *Educando com o exemplo*; 2. *Os alunos*; 3. *Curso básico de injustiça*; 4. *Curso básico de racismo e machismo*; **Cátedras do medo**: 5. *O ensino do medo*; 6. *A indústria do medo*; 7. *Aulas de corte e costura: como fazer inimigos sob medida*; **Seminário de ética**: 8. *Trabalhos práticos: como triunfar na vida e fazer amigos*; 9. *Lições contra os vícios inúteis*; **Aulas magistrais de impunidade**: 10. *Modelos para estudar*; 11. *A impunidade dos caçadores de gente*; 12. *A impunidade dos exterminadores do planeta*; 13. *A impunidade do sagrado motor*; **Pedagogia da solidão**: 14. *Lições da sociedade de consumo*; 15. *Curso intensivo de incomunicação*; **A contraescola**: 16. *Traição e promessa do fim do milênio*; e 17. *O direito ao delírio*.

Ao longo de todo o texto, o sujeito poético faz emergir uma linguagem que Silva (2022) denomina sociopoética, “tanto em seu caráter mais cronista e

crítico-social quanto em sua expressão ficcional narrada ou rimada” (SILVA, 2022, p. 2), através da qual sobressai-se "uma escrita mais fluida com um recorte jornalístico trazendo realidades de uma história forjada que nunca é contada “ (Idem, p. 6).

Diversos gêneros literários confluem nessa linguagem — em que se destaca a *"predilección por el mito, la leyenda, el rumor, la risa subversiva o el cuento tejido en torno de un evento; los cuales brindan una versión alternativa de la realidad"* (PALAVERSICH, 1995, p. 16) de Eduardo Galeano — acompanhados por diversas gravuras resgatadas do litógrafo mexicano José Guadalupe Posada (1852-1913)³ da época do porfiriato⁴. A ponte intersemiótica entre o texto verbal e as ilustrações promove um efeito maior de bestialidade para os assuntos abordados na exposição do programa de estudos, uma vez que, em sua maioria, elas representam demônios, feras selvagens, crânios, *calaveras*, ossos, cadáveres e animais peçonhentos e asquerosos.

Os sentidos que o leitor pode produzir através da obra são, ademais, potencializados por pequenos fragmentos textuais – anedotas, crônicas, poemas, vinhetas, excertos jornalísticos, entre outros — encaixados em seções que não têm, muitas vezes, uma ligação óbvia com a ideia desenvolvida na sequência textual, como, por exemplo, o seguinte excerto:

Lido nos muros das cidades

Gosto tanto da noite que poria um toldo no dia.
 Sim, a cigarra não trabalha. Mas a formiga não canta.
 Minha avó disse não à droga. E morreu.
 A vida é uma doença que se cura sozinha.
 Esta fábrica fuma pássaros.
 Meu pai mente como um político.
 Basta de fatos! Queremos promessas!
 A esperança é a última que se perdeu.
 Não fomos consultados para vir ao mundo,
 mas exigimos que nos consultem para viver nele.
 Existe um país diferente, em algum lugar.
 (GALEANO, 2009, p. 218).

³ "[...] quien, por medio de su obra, se convirtió en el ilustrador del régimen gubernamental del presidente Porfirio Díaz. Fue el grabador por antonomasia en un doble aspecto: él se ocupó, a través de sus grabados, de todo lo importante que sucedía tanto en la capital de la República como en otras ciudades del interior, dando noticia de todo aquello que por su significación así lo requería. En lo tocante a la ciudad de México, trató de plasmar las escenas características de la vida cotidiana, que interpretó con sus buriles. El otro aspecto, no independiente por cierto, se relaciona de manera particular con lo que el grabador ilustró centrando su atención en la figura de Porfirio Díaz." (RIOS DE LA TORRE, 2007, p. 109-110).

⁴ Governo autoritário do general Porfirio Díaz (1830-1915) no México, o qual durou mais de três décadas e foi interrompido pela Revolução Mexicana em 1910.

Com mais esse exemplo, vemos como perspectivas inusitadas são trazidas à baila ao longo dos desenvolvimentos críticos e informativos da obra. Para o sujeito poético de *Patás arriba*, a trabalhadora formiga não carrega consigo tanto prestígio assim, afinal não é capaz de cantar como a cigarra, que não trabalha. Entretanto, no mundo ao avesso, o trabalho árduo da formiga sempre é acionado no imaginário coletivo por meio de estórias e fábulas moralistas embebidas da lógica capitalista, a qual faz do trabalho uma virtude e um dever moral. Aparentemente desconectados da sequência lógica textual, os excertos contidos na obra trazem reflexões extremamente pertinentes à proposta disruptiva, ácida e crítica da linguagem do autor:

A linguagem/3

Na era vitoriana, era proibido fazer menção às calças na presença de uma senhorita. Hoje em dia, não fica bem dizer certas coisas perante a opinião pública:

o capitalismo exhibe o nome artístico de economia de mercado;
 o imperialismo se chama globalização;
 as vítimas do imperialismo se chamam países em vias de desenvolvimento, que é como chamar meninos aos anões;
 o oportunismo se chama pragmatismo;
 a traição se chama realismo;
 os pobres se chamam carentes, ou carenciados, ou pessoas de escassos recursos;
 a expulsão dos meninos pobres do sistema educativo é conhecida pelo nome de deserção escolar;
 o direito do patrão de despedir o trabalhador sem indenização nem explicação se chama flexibilização do mercado de trabalho;
 a linguagem oficial reconhece os direitos das mulheres entre os direitos das minorias, como se a metade masculina da humanidade fosse a maioria;
 em lugar de ditadura militar, diz-se processo;
 as torturas são chamadas constrangimentos ilegais ou também pressões físicas e psicológicas;
 quando os ladrões são de boa família, não são ladrões, são cleptomaníacos;
 [...]

em 1995, quando das explosões nucleares da França no Pacífico sul, o embaixador francês na Nova Zelândia declarou: “Não gosto da palavra bomba. Não são bombas. São artefatos que explodem”;
 chamam-se Conviver alguns dos bandos assassinos da Colômbia, que agem sob a proteção militar;
 Dignidade era o nome de um dos campos de concentração da ditadura chilena e Liberdade o maior presídio da ditadura uruguaia;
 chama-se Paz e Justiça o grupo paramilitar que, em 1997, matou pelas costas 45 camponeses, quase todos mulheres e crianças, que rezavam numa igreja do povoado de Acteal, em Chiapas. (Ibid., p. 43-44).

Para existir e resistir no mundo ao avesso, Galeano, sem afirmar isto diretamente, aponta para a necessidade de compreender que a linguagem é fonte e arma de poder para os que já o detêm por determinação histórica. Assim, ácida e humoristicamente, ele alinhava denominações eufêmicas para processos de dominação desumanos enquanto componentes lexicais mais agradáveis para o discurso dos sujeitos que incorporaram os chamados *bons costumes* da sociedade ocidental — os quais constroem-se quando a realidade é apontada tal qual é, todavia não constroem-se com sua percepção.

Na primeira seção do livro, em que é apresentado o exemplo como uma forma de educar a população, somos informados sobre o funcionamento do mundo do crime institucionalizado e banalizado:

O mundo ao avesso nos ensina a **padece a realidade ao invés de transformá-la, a esquecer o passado ao invés de escutá-lo e a aceitar o futuro ao invés de imaginá-lo: assim pratica o crime, assim o recomenda.** Em sua escola, escola do crime, são obrigatórias as aulas de impotência, amnésia e resignação. (Ibid., p. 13 — grifos nossos).

Neste mundo contraditório, é necessário adestrar a população usurpada de seus direitos mais básicos para que ela entenda que sua condição agrega um valor de liberdade individual. O capitalismo não mata por si só, dizem os neoliberais, pois é possível ascender socialmente com um alto nível de esforço (sacrifício?) mesmo que se tenha muito poucas condições para isso. Esta é a liberdade do sujeito dentro do mundo ao avesso conforme Galeano: "a liberdade de escolher entre ameaçadores infortúnios" (Ibid, p. 13).

O corpo discente da escola é composto pelas crianças *de cima, de baixo e do meio*, as quais, com pouca idade, já vivem com o pensar escravizado pelo medo, pela ânsia do consumo, pela miséria, pelas drogas, pelo desamparo do Estado, pela apatia da sociedade civil ou pelo torpor midiático:

O mundo trata os meninos ricos como se fossem dinheiro, para que se acostumem a atuar como o dinheiro atua. O mundo trata os meninos pobres como se fossem lixo, para que se transformem em lixo. E os do meio, os que não são ricos nem pobres, conserva-os atados à mesa do televisor, para que aceitem desde cedo, como destino, a vida prisioneira. (Ibid., p. 18).

Desprovidas de assistência e de recursos, as crianças miseráveis recorrem ao delito. Com medo da violência urbana promovida pela miséria, os jovens ricos

“crescem sem raízes, despojados de identidade cultural e sem outro sentido social que a certeza da realidade ser um perigo. Sua pátria está nas marcas de prestígio universal, que lhes destacam as roupas e tudo o que usam” (Ibid., p. 17). E entre os escravos da ostentação e os escravos da escassez estão aqueles que “têm muito mais do que nada, mas muito menos do que tudo” (Ibid., p. 24) e são escravos da instabilidade financeira, do medo dos perigos urbanos e da ânsia por consumir os itens prestigiados pela elite social.

Exposto o perfil do alunado, o leitor é introduzido ao curso básico de injustiça, o qual propõe a compreensão de que o sistema capitalista produz a uniformização do padrão de consumo através da mídia de massas ao mesmo tempo em que não planifica a economia de modo a permitir que todos possam consumir os signos portadores do valor social. Porquanto o sistema funciona essencialmente em termos de incentivo ao consumo e desigualdade, o delito fica mais convidativo para aqueles que são sitiados às margens do poder. O mesmo processo, ademais, cria contradições internacionais entre os países que produzem os itens sedutores e os que são obrigados a ser seduzidos:

O mercado livre transformou nossos países em bazares repletos de bagulhos importados, que a maioria das pessoas pode olhar mas não pode tocar. Assim tem sido desde os tempos longínquos em que os comerciantes e latifundiários usurparam a independência, conquistada por nossos soldados descalços, e a colocaram à venda. (Ibid., p. 38).

No mais, os cursos de racismo e machismo também são ofertados no plano de estudos da escola do mundo de pernas para o ar. Além de detalhar os processos históricos e as bases teóricas que buscaram justificar o extermínio e a escravização dos povos originários e dos negros africanos, o sujeito lírico, com agudeza, desvela todo o desprestígio culturalmente atribuído à posição da mulher na sociedade ocidental e sua consequente exclusão dos espaços de poder. Em um fragmento encaixado nessa sequência do texto, o sujeito lírico demonstra o ponto de vista cruel dos colonizadores a respeito dos índios:

Assim se prova que os índios são inferiores
(Segundo os conquistadores dos séculos XVI e XVII)

Suicidam-se os índios das ilhas do Mar do Caribe? *Porque são vadios e não querem trabalhar.*
Andam desnudos, como se o corpo todo fosse a cara? *Porque os selvagens não têm pudor.*

Ignoram o direito de propriedade, tudo compartilham e não têm ambição de riqueza? *Porque são mais parentes do macaco do que do homem.*
 Banham-se com suspeitosa frequência? *Porque se parecem com os hereges da seita de Maomé, que com justiça ardem nas fogueiras da Inquisição.*

Acreditam nos sonhos e lhes obedecem as vozes? *Por influência de Satã ou por crassa ignorância.*

É livre o homossexualismo? A virgindade não tem importância alguma? Porque são promíscuos e vivem na antessala do inferno [...]. (Ibid., p. 58 – grifos nossos).

Em outro fragmento, o sujeito poético aponta como pensadores do liberalismo, como Montesquieu, Linneo e Hume, considerados grandes cientistas de sua época, foram cruéis, anticientíficos e eugenistas ao teorizar os motivos para inferiorizar pessoas negras e justificar o execrável processo da escravidão colonial.

Engajado em promover uma formação completa aos estudantes, o programa de estudos também propõe o ensino do medo, pois um mundo de pernas para o ar, é claro, precisa de uma institucionalidade de pernas para o ar: “Condena-se o criminoso, não a máquina que o fabrica, como se condena o viciado e não o modo de vida que cria a necessidade do consolo químico ou da sua ilusão de fuga” (Ibid., p. 84-85).

Longe de ser suicida, o sistema cria as próprias contradições sociais e articula, através da ordem do poder, métodos de combate ao delito que não afetam a raiz do problema (ele próprio). Além disso, para este, o medo da população não apenas é necessário como muito bem vindo, pois o medo dispara as vendas das manchetes violentas através da mídia burguesa. Cria-se o inimigo, cria-se o herói, cria-se o cenário e o telespectador consome o espetáculo com ânsia pelo acerto de contas. Não é justo, mas o importante para o sistema é que todos sintam-se seguros com a pseudo justiça punitiva institucional — e, claro, consumam o entretenimento sanguinolento gerado a partir disso.

Para mais, o programa ressalta a indústria que mais se fortalece com o medo coletivo:

O medo é a matéria-prima das prósperas indústrias da segurança particular e do controle social. Uma demanda firme sustenta o negócio. A demanda cresce tanto ou mais do que os delitos que a geram e os “e os peritos garantem que assim continuará. Floresce o mercado da vigilância particular e dos presídios privados, enquanto todos nós, uns mais, outros menos, vamos nos tornando sentinelas do próximo e prisioneiros do medo. (Ibid., p. 96).

Para que a indústria armamentista prospere e sempre venda em larga escala, é necessário que sempre exista um largo leque de inimigos a ser exterminado: é exatamente por isso que a seção “Aulas de corte e costura: como fazer inimigos sob medida” mostra-nos como os *malvados* são criados pelo sistema para que a necessidade de exterminá-los incentive o consumo do material militar. No mundo ao avesso, cumpre compreender que a morte de muitos significa cifrões para poucos.

Destruir a indústria das armas, para o sujeito poético, é impossível até para o poderoso gênio da lâmpada de Aladim, conforme é exposto na seguinte anedota:

O desejo

Um homem encontrou a lâmpada de Aladim atirada por aí. Como era bom leitor, reconheceu-a e a friccionou. O gênio apareceu, fez uma reverência e se ofereceu:

– Estou à sua disposição, amo. Formule um desejo e será cumprido. Mas é um desejo só.

Como era um bom filho, o homem pediu:

– Quero que ressuscites minha mãe morta.

O gênio fez uma careta:

– Perdão, amo, mas é um desejo impossível. Formule outro.

Como era um bom homem, pediu:

– Desejo que o mundo pare de gastar dinheiro para matar gente.

O gênio engoliu em seco:

– Bem... como disse que se chamava sua mamãe? (Ibid., p. 113).

Em *Seminário de ética*, terceira seção do livro, é frisado que

o crime é o espelho da ordem. Os delinquentes que povoam as prisões são pobres e quase sempre atuam com armas curtas e métodos caseiros. Se não fosse por esses defeitos da pobreza e do feitio artesanal, os delinquentes de bairro bem poderiam ostentar coroas de reis, cartolas de cavalheiros, mitras de bispos e quepes de generais, e assinariam decretos governamentais em lugar de apor a impressão digital ao pé das confissões. (Ibid., p. 123 – grifos nossos).

Fica claro, com isso, que, quanto mais poder e prestígio social se tem, mais a condição de criminoso(a) é velada no mundo avessado. Tal foi o caso da Rainha Vitória — que foi a maior traficante de drogas do século XIX —, bem como é o caso dos discretos banqueiros da Suíça e de Luxemburgo, maiores paraísos fiscais do planeta, dos negociadores milionários ungidos nas graças do Deus cristão e dos políticos da institucionalidade burguesa, os quais saqueiam os cofres públicos e sequer surpreendem a população com isso.

No mais, ressaltam-se, nessa seção, as erínias da chamada revolução tecnológica, a qual tem multiplicado a falta de emprego, assassinado os direitos trabalhistas – conquistados a duras penas, quando sequer conquistados – e semeado o medo do desemprego ao redor do mundo. A geopolítica mundial está envenenada da lógica neoliberal de modo tal que os chamados países pobres ficaram

[...] metidos até o pescoço no concurso universal de boa conduta, para ver quem oferece salários mais raquíticos e mais liberdade para envenenar o meio ambiente. Os países competem entre si, corpo a corpo, para seduzir as grandes empresas multinacionais. As melhores condições para as empresas são as piores condições para o nível dos salários, para a segurança no trabalho e a saúde da terra e do povo. Em todas as partes do mundo os direitos dos trabalhadores estão sendo nivelados por baixo, enquanto a mão de obra disponível se multiplica como nunca antes ocorrera, nem nos piores tempos". (Ibid., p. 158).

No atual contexto dos países marginalizados pelo sistema, nos quais intensificam-se políticas neoliberais que mercantilizam a educação e objetivamente sucateiam instituições educacionais públicas, diversos problemas estruturais e basilares impedem, a curto prazo, a realização de políticas profícuas e exitosas no que diz respeito à promoção e à democratização de uma educação qualificada e completa. Dura é a vida da classe trabalhadora de um modo geral e da categoria estudantil no mundo ao avesso, posto que nele

[...] **a educação não compensa.** [...] Os professores recebem elogios, são homenageados com discursos afetados que exaltam o trabalho abnegado dos apóstolos do magistério que, com suas mãos amorosas, moldam a argila das novas gerações; e, além disso, recebem salários que só se enxergam com lupa. O Banco Mundial chama a educação de “um investimento em capital humano”, o que, de seu ponto de vista, é um elogio, mas, num informe recente, propõe como possibilidade reduzir os salários do professorado nos países onde “a oferta de professores” permite manter o nível docente. (Ibid., p. 160 – grifos nossos).

Estabelecer salários de fome, investir miseravelmente em estrutura educacional pública, promover desigualdade social e destruir os ecossistemas são as ações que movem a máquina dessa nova era do trabalho. Continua, entretanto, sendo de bom tom comentar que "o trabalho dignifica o homem" na periferia do capitalismo ocidental; os bons costumes, pois, são escolhidos a dedo por quem se beneficia da desgraça das massas.

Em “Aulas magistrais de impunidade”,

são relatadas instrutivas experiências da indústria petroleira, que ama a natureza com mais fervor do que os pintores impressionistas. São contados episódios que ilustram a vocação filantrópica da indústria militar e da indústria química e são reveladas certas fórmulas de sucesso da indústria do crime, que está na vanguarda da economia mundial. (Ibid., p. 168).

Nessa seção, exemplos de como a justiça burguesa atua em favor do crime e dele faz parte são bem destacados. No mundo de pernas para o ar, é possível e *até desejável*, sem punições, chacinar civis com o estabelecimento de ditaduras militares, entregar as riquezas naturais de um povo para empresas estrangeiras em troca do enriquecimento das elites locais, envenenar os alimentos para potencializar lucros, promover guerras para raptar petróleo em territórios alheios e aniquilar o meio ambiente com extrativismos destrutivos. Não há consequências para o que, de um modo ou outro, gerar lucro para os ricos.

A História, destarte, é maldita no mundo ao avesso, já que lembrar e grafar a opressão e as atrocidades de uma classe para com a outra é um modo de insurgir contra a ordem:

A impunidade é filha da má memória. Sabiam disso todas as ditaduras militares de nossas terras. Na América Latina foram queimadas cordilheiras de livros, livros culpados por contar a realidade proibida e livros culpados simplesmente por serem livros, e também montanhas de documentos. Militares, presidentes, padres: é longa a história das fogueiras, desde que em 1562, em Maní de Yucatán, frei Diego de Landa “lançou às chamas os livros maias, pretendendo incendiar a memória indígena. Para citar apenas algumas labaredas, basta lembrar que em 1870, quando os exércitos da Argentina, Brasil e Uruguai arrasaram o Paraguai, os arquivos históricos do vencido foram reduzidos a cinzas. Vinte anos depois, o Brasil queimou toda a papelada que testemunhava três séculos e meio de escravidão negra. Em 1983, os militares argentinos lançaram ao fogo os documentos da guerra suja contra seus compatriotas; e em 1995, os militares guatemaltecos fizeram o mesmo. (Ibid., p. 198).

A campânula de proteção institucional que envolve os responsáveis pelo caos social da modernidade é um dos pilares do mundo ao avesso. A justiça não os atinge simplesmente porque é feita por *eles* e para *eles*. Na vereda do poder máximo e da impunidade dos donos do mundo, vemos, em "Pedagogia da solidão", como os

condenados à sede e à fome, também estão condenados a contemplar os manjares que a publicidade oferece. [...] Manjares de plástico, sonhos de plástico. É de plástico o paraíso que a televisão promete a todos e a poucos dá. A seu serviço estamos. Nesta civilização onde as coisas importam cada

vez mais e as pessoas cada vez menos, os fins foram sequestrados pelos meios: as coisas te compram, o automóvel te governa, o computador te programa, a TV te vê. (Ibid., p. 226).

No mundo ao avesso, os meios de comunicação viabilizam a publicidade que alimenta a alienação que alimenta o consumo desnecessário que alimenta o endividamento que alimenta a angústia que alimenta a solidão que alimenta o consumo de drogas e tranquilizantes. A todos, em escala planetária, é imposto um padrão de como se vestir, de como se portar, de como *ser*, de como *não ser*, do que comer, do que consumir como conteúdo científico, artístico e cultural etc. Tal padrão sai da Europa e dos Estados Unidos da América e entra direto nas veias ainda abertas do Sul:

A maioria das notícias que o mundo recebe provém da minoria da humanidade e a ela se dirige. Isso é muito conveniente do ponto de vista das agências, empresas comerciais dedicadas à venda da informação, que arrecadam na Europa e nos Estados Unidos a parte do leão de seus ganhos. Um monólogo do norte do mundo: as demais regiões e países recebem pouca ou nenhuma atenção, salvo em caso de guerra ou catástrofe, e com frequência os jornalistas, que transmitem o que acontece, não falam a língua do lugar nem têm a menor ideia a respeito da história e da cultura locais. As informações que divulgam costumam ser duvidosas e, nalguns casos, francamente mentirosas. **O sul fica condenado a olhar para si mesmo através de olhos que o depreciam.** (Ibid., p. 257 – grifos nossos).

"Nunca tantos tinham sido incomunicados por tão poucos" (Ibid., p. 246) e, em meio a essas densas opressões mascaradas de *liberdade*, os que não têm controle dos meios de comunicação carregam, sozinhos, inquietações cruéis impostas por indústrias que lucram com solidão, compulsão, sofrimento psíquico e destruição ambiental. No final do século XIX, o cenário da vida do sujeito moderno já era apontado como lamentável pelo sujeito lírico, conforme aponta o seguinte fragmento:

Vista do crepúsculo, no final do século

Está envenenada a terra que nos enterra ou desterra.
 Já não há ar, só desar.
 Já não há chuva, só chuva ácida.
 Já não há parques, só *parkings*.
 Já não há sociedades, só sociedades anônimas.
 Empresas em lugar de nações.
 Consumidores em lugar de cidadãos.
 Aglomerações em lugar de cidades.
 Não há pessoas, só públicos.
 Não há realidades, só publicidades.
 Não há visões, só televisões.
 Para elogiar uma flor, diz-se: "Parece de plástico".

(Ibid., p. 214).

A pedagogia da solidão, assim, é engendrada e veiculada em função da indústria do sofrimento generalizado, com a qual muito dinheiro é gerado — e para muitos setores do mercado. A concepção de *felicidade* no mundo ao avesso é feita e vendida a partir de uma ciência limitadíssima, que articula-se em torno de engodos midiáticos regados a apelos sinestésicos e modelos inalcançáveis.

Hoje, com a situação intensificada pelos *smartphones* e pelas redes sociais, emergem inúmeras "terapias e práticas para adequar o sujeito moderno ao seu ideal de aparência, e calam-se profundamente as raízes, sempre complexas, do sofrimento individual que não fica bem na foto" (VELOSO, 2019). Os *coachings*, as programações de *lifestyle* e os rituais de estética buscam adequar o sujeito a uma realidade de excessos, mistificações da vida pessoal e dissonâncias informativas. A pandemia de transtornos ansiosos e depressivos, traço mestre do século XXI, entretanto, deixa evidente a impossibilidade de adequar-se à hostilidade do tecido social tramado pelos rostos que estampam as capas da Revista Forbes.

O lucro é a chave; a vida é detalhe. Isso aponta a escola do mundo ao avesso proposta por Galeano, em redor dessa síntese seu programa de estudos se articula. Em vista disso, sofrer e seguir os caminhos delineados pelos donos do mundo em latente resignação parece ser o único caminho a seguir diante da urdidura de tantas opressões, todavia "está visto que não há desgraça sem graça, nem cara que não tenha sua coroa, nem desalento que não busque seu alento. Nem **tampouco há escola que não encontre sua contraescola**" (GALEANO, 2009, p. 15 – grifos nossos).

Conforme revela a contraescola engajada por Galeano, na senda da asfixia das subjetividades plurais e únicas dos sujeitos modernos há uma *nascenda* — nominativo do latim que significa "a que está para nascer ou ser gerada" — que respira esperança e caminha com os olhos focados em um ponto além do miasma do sistema.

4 O MAU COSTUME DO SONHO CONSCIENTE

[...] **Que tal começarmos a exercer o jamais proclamado direito de sonhar? Que tal delirarmos um pouquinho? Vamos fixar o olhar num ponto além da infâmia para adivinhar outro mundo possível:**

o ar estará livre de todo veneno que não vier dos medos humanos e das humanas paixões;
 nas ruas, os automóveis serão esmagados pelos cães;
 as pessoas não serão dirigidas pelos automóveis, nem programadas pelo computador, nem compradas pelo supermercado e nem olhadas pelo televisor;
 o televisor deixará de ser o membro mais importante da família e será tratado como o ferro de passar e a máquina de lavar roupa;
 as pessoas trabalharão para viver, ao invés de viver para trabalhar;
 será incorporado aos códigos penais o delito da estupidez, cometido por aqueles que vivem para ter e para ganhar, ao invés de viver apenas por viver, como canta o pássaro sem saber que canta e como brinca a criança sem saber que brinca;
 em nenhum país serão presos os jovens que se negarem a prestar o serviço militar, mas irão para a cadeia os que desejarem prestá-lo;
 os economistas não chamarão nível de vida ao nível de consumo, nem chamarão qualidade de vida à quantidade de coisas;
 os cozinheiros não acreditarão que as lagostas gostam de ser fervidas vivas;
 os historiadores não acreditarão que os países gostam de ser invadidos;
 os políticos não acreditarão que os pobres gostam de comer promessas;
 ninguém acreditará que a solenidade é uma virtude e ninguém levará a sério aquele que não for capaz de rir de ele mesmo;
 a morte e o dinheiro perderão seus mágicos poderes e nem por falecimento nem por fortuna o canalha será transformado em virtuoso cavaleiro;
 ninguém será considerado herói ou pascácio por fazer o que acha justo em lugar de fazer o que mais lhe convém;
 o mundo já não estará em guerra contra os pobres, mas contra a pobreza, e a indústria militar não terá outro remédio senão declarar-se em falência;
 a comida não será uma mercadoria e nem a comunicação um negócio, porque a comida e a comunicação são direitos humanos;
 ninguém morrerá de fome, porque ninguém morrerá de indigestão;
 os meninos de rua não serão tratados como lixo, porque não haverá meninos de rua;
 os meninos ricos não serão tratados como se fossem dinheiro, porque não haverá meninos ricos;
 a educação não será um privilégio de quem possa pagá-la;
 a polícia não será o terror de quem não possa comprá-la;
 a justiça e a liberdade, irmãs siamesas condenadas a viver separadas, tornarão a unir-se, bem juntinhas pelas costas;
 “uma mulher, negra, será presidente do Brasil, e outra mulher, negra, será presidente dos Estados Unidos da América; e uma mulher índia governará a Guatemala e outra o Peru;
 na Argentina, as loucas da Praça de Maio serão um exemplo de saúde mental, porque se negaram a esquecer nos tempos da amnésia obrigatória;
 a Santa Madre Igreja corrigirá os erros das tábuas de Moisés e o sexto mandamento ordenará que se festeje o corpo;
 a Igreja também ditará outro mandamento, do qual Deus se esqueceu: “Amarás a natureza, da qual fazes parte”;
 serão reflorestados os desertos do mundo e os desertos da alma;
 os desesperados serão esperados e os perdidos serão encontrados, porque eles são os que se desesperaram de tanto esperar e os que se perderam de tanto procurar;
 seremos compatriotas e contemporâneos de todos os que tenham vontade de justiça e vontade de beleza, tenham nascido onde tenham nascido e tenham vivido quando tenham vivido, sem que importem nem um pouco as fronteiras do mapa ou do tempo;
 a perfeição continuará sendo um aborrecido privilégio dos deuses; mas neste mundo fodido e trapalhão, cada noite será vivida como se fosse a última e cada dia como se fosse o primeiro. (Ibid., p. 316-317).

A culminância dessa inquietante obra, em uma análise nossa, dá-se na proposição da contraescola do mundo ao avesso, a qual convida-nos a perpetrar os *hediondos crimes* do delírio são e do sonho consciente. Este convite não revela-se apenas na seção intitulada "A contraescola" ou no fragmento exposto acima, que o faz objetivamente; mas se faz presente em cada palavra ácida, em cada dado, em cada neologismo, em cada fragmento encaixado, em cada figura de linguagem e em cada imagem do caos colocada sob o holofote da poética sem fronteiras de Galeano. Separar e criar fronteiras, afinal, é a tendência dos artesãos da episteme hegemônica — os quais ainda dispõem de relativa estabilidade na condição de *reveladores da essência das coisas*, mas não necessariamente o são. Nesta obra, em que desvela-se uma poética onde privilegia-se o vínculo, fica destacada

la relación entre el escritor y el público, marcada por **la necesidad de comunicación y comunión con el 'otro'**. Se trata de una posición que contrasta completamente con las actuales teorías literarias occidentales que rechazan por ingenua toda intención de comunicación de 'mensaje'. Galeano percibe la literatura como un instrumento esencial de cognición, atribuyéndole también el poder de actuar sobre las conciencias de aquellos que la leen. (PALAVERSICH, 1995, p. 14 — grifos nossos).

Segundo o sujeito poético, é possível adivinhar, prever, vaticinar outro mundo através do exercício do direito (nunca proclamado) ao sonho. Para resistir à imposição da ordem moderna, *Patas arriba* lembra-nos de que não estamos na natureza, mas *somos* a natureza. Da mesma maneira com que ela, por vezes, impõe-se sobre os arrogantes que acham que podem manipular desde sua mais sutil forma de existência até sua totalidade, nós também podemos nos impor — porque ela somos. Mesmo sujeitos a muitos infortúnios socialmente esboçados, somos, de acordo com a voz lírica da obra, a perna, o passo, o caminho e o destino e não precisamos abraçar a cartilha sombria dos monetizadores do *ser*.

A linguagem criminosa e de conteúdo subversivo convoca, com especial apelo poético, os potenciais detratores da ordem ao delito de imaginar outros caminhos possíveis. É bem verdade que estes não parecem tão fortes diante da sapata e dos alicerces do sistema; todavia os que plasmam a sofrida realidade do ocidente correm seus riscos: “com a história ocorre o mesmo que com o futebol: o melhor que oferece é a capacidade de surpresa. Às vezes, contra todos os

prognósticos, contra toda evidência, o pequeno aplica um tremendo baile no grandão invencível” (GALEANO, 2009, p. 305).

Na seção “Traição e promessa do fim do milênio”, nós, latinoamericanos, somos destacados pelo sujeito poético como incorrigíveis no crime do sonho e inexplicavelmente resistentes ao fim traçado pelo Norte. Há mais de cinco séculos sendo empecilhos para os assassinos do planeta, nós temos passado

[...] quinhentos anos aprendendo a nos odiar entre nós mesmos e a trabalhar de corpo e alma para a nossa perdição, e assim estamos; mas **ainda não conseguimos corrigir nossa mania de sonhar acordados e esbarrar em tudo, e certa tendência à ressurreição inexplicável.** (Ibid., p. 305 – grifos nossos).

Ademais, como exemplos marcantes da insolência latinoamericana, são ressaltados o Movimento Sem-Terra (MST) — o qual, “além de não respeitar o direito de propriedade dos parasitas, chega ao cúmulo de desrespeitar o dever nacional” (Ibid., p. 306) de cultivar alimentos em terras improdutivas e batalhar pela soberania alimentar do Brasil — e o movimento zapatista, do México, engajado por índios que povoam territórios autônomos onde *manda el pueblo y el gobierno obedece*. Tais movimentos desordeiros projetam-se internacionalmente e atraem olhares curiosos, temerosos e assaz mistificados por toda a parte, provando que os saberes do Sul, quando bem retomados e afirmados, articulam projetos libertadores nos âmbitos social, econômico, artístico e cultural.

Esboçada e proposta através de uma poética que remove fronteiras de gênero, dialoga com o leitor e incorpora em si uma tendência ao vínculo, uma pedagogia libertadora destaca para o leitor a importância de sonhar com outros mundos possíveis enquanto uma maneira de resistir ao caos e à infâmia do sistema. Conforme a pedagogia da escola do sonho, a contraescola do mundo ao avesso, não temos o dever de obedecer às formas de viver insustentáveis impostas pelo Norte, mas temos o direito de delirar e não tornar perfunctória a vida em um mundo de pernas para o ar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessarte, a partir da análise do *corpus*, compreendemos a poética contundente e analítica presente em *Patás arriba* enquanto uma agente

desestabilizadora da epistemologia hegemônica, a qual vela as relações de poder parasitárias instituídas pela ordem liberal-burguesa, à medida em que figura formas críticas de pensar o mundo a partir de locais subalternizados diversos. Indo do macro ao micro e do micro ao macro, unindo distintas dicções, gêneros, semioses e removendo fronteiras entre formas de significar através da linguagem, o autor conflui terrenos tradicionalmente divididos dentro do campo científico e promove o que chamamos aqui de poética do vínculo, onde é possível revoltar-se com real e sonhar com o ideal ao mesmo tempo.

Ao analisar o *corpus*, compreendemos que o texto subverte sua própria proposta ao engajar a criação e o fortalecimento de uma contraescola do mundo ao avesso. Em suma, pensamos ser possível a proposição de um percurso de interpretação que identifica uma linguagem poética a qual engendra-se a partir da afirmação de vínculos que foram obliterados pela imposição episteme eurocêntrica e apresenta uma proposta pedagógica que convida ao delírio, ao sonho, à perseguição de outro mundo possível.

REFERÊNCIAS

CHAVES, P. J. **Didática, decolonialidade e epistemologias do Sul**: uma proposta insurgente contra a neoliberalização do ensino escolar e universitário. Curitiba: CRV, 2021.

DUSSEL, E. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n.1, p. 51-73, 2016.

FANON, F. **Os Condenados da Terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GALEANO, E. **A descoberta da América (que ainda não houve)**. Tradução: Eric Nepomuceno. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, , 2 ed., 2001. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/cdrom/galeano/index.htm>. Acesso em: 10 out. 2022.

GALEANO, E. **De pernas pro ar**: a escola do mundo ao avesso. Tradução de Sergio Faraco; com gravuras de José Guadalupe Posada. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.

GALEANO, E. Entrevista para Eric Nepomuceno no Canal Brasil. **Sangue Latino**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=47aFAIDierM&t=901s>>. Acesso em: 12 out. 2022

MINEIRO, I. **Aprender a ver e a escutar para adivinhar outros mundos: pedagogia do sonho e autonomia do imaginário na literatura zapatista.** Contexto, n. 40, p. 450-484, 2021.

MIGNOLO, W. Colonialidade, o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n. 94, 2017.

MOTA NETO, J. C. **Por uma pedagogia decolonial da América Latina:** reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda. Curitiba: CRV, 2016.

PALAVERSICH, H. **Silencio, voz y escritura em Eduardo Galeano.** Madrid: Iberoamericana, 1995.

QUIJANO, A. "Colonialidad y Modernidad-racionalidad". In: BONILLO, Heraclio (comp.). Los conquistados. 1492 y la población indígena de las Américas. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, p. 437-449, 1992.

QUIJANO, A. Colonialidade, poder, globalização e democracia. Novos Rumos, n. 37, p. 4-28, 2002.

QUIJANO, A. Dom Quixote e os moinhos de vento da América Latina. **Estud. av. [conectados]**. v. 19, n. 55, p. 9-31, 2005.

RÍOS DE LA TORRE, G. José Guadalupe Posada: un cronista de la época porfiriana. **Tema y variaciones de literatura**. v. 28. s/n. p. 106-119, 2007.

SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo:** a afirmação das epistemologias do Sul. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

SILVA, R. M. A sociopoética decolonial de Eduardo Galeano. Salvador: **Enecult18**, 2022.

VELOSO, A. M. Redes sociais espalham 'epidemia de mal-estar' pela humanidade, diz psicanalista. **BBC News Brasil**. São Paulo. 3 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-49160276>>. Acesso em: 16 out. 2022

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (Org.) **Educação intercultural na América Latina:** entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.